

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

ANA PAULA ABRANTES DE PAULA LINS

**LITERATURA E VIOLÊNCIA: uma análise da construção e constituição da
personagem Augusto Matraga**

Campina Grande - PB

2022

ANA PAULA ABRANTES DE PAULA LINS

LITERATURA E VIOLÊNCIA: uma análise da construção e constituição da
personagem Augusto Matraga

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Professor Dr. Otoniel
Machado da Silva

Campina Grande - PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

L7591

Lins, Ana Paula Abrantes de Paula.

Literatura e violência : uma análise da construção e constituição da personagem Augusto Matraga / Ana Paula Abrantes de Paula Lins. – 2022.

34 f.

Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância.

Orientador : Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva.

1. Literatura e violência. 2. Construção da personagem. 3. Augusto Matraga. I. Título.

CDU 82:81'42

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA PAULA ABRANTES DE PAULA LINS

LITERATURA E VIOLÊNCIA: uma análise da construção e constituição da
personagem Augusto Matraga

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

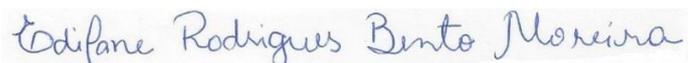
Orientador: Professor Dr. Otoniel
Machado da Silva

Aprovado em 08 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva – IFPB



Examinadora: Profa. Dra. Edilane Rodrigues Bento Moreira – IFPB



Examinador: Prof. Dr. João Batista Pereira – UFRPE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela minha vida e minha saúde, me permitindo vivenciar esse momento e sempre me guiando para não desanimar e seguir sempre firme. A meu esposo, Calos Alberto Cassimiro, que sempre me apoiou nas minhas decisões com palavras e gestos de incentivo. Aos meus filhos Ícaro Abrantes e Isaac Abrantes, que são os principais motivos para que eu não desista e busque sempre ser uma pessoa melhor.

Ao professor orientador Doutor Otoniel Machado da Silva, por ter me orientado com tamanha sabedoria, pelas palavras de incentivo e apoio que foram de extrema importância para que me sentisse capaz de desenvolver determinado trabalho.

À instituição de ensino, Instituto Federal de Ciências e Tecnologia IFPB, e a todos os professores que compõe essa instituição, que juntos foram essenciais no meu processo de aprendizado e de evolução pessoal.

Às minhas colegas de curso, Josinalva, Hellen, Jordana, Luciana e Maria das Vitórias, que através desses quatro anos de curso, em que construímos juntas várias descobertas e aprendizado, foram essenciais para que eu evoluísse como formanda e como pessoa.

“[...] a literatura pode nos mobilizar em direção a algo saudável, avesso ao exercício da força mórbida que se exhibe nas múltiplas formas de violência.”

Jaime Ginzburg

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar a violência presente na construção e constituição da personagem Augusto Matraga. A pesquisa objetivou abordar como a temática da violência se faz presente na novela *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa, através da descrição do processo de violência na caracterização da personagem e, a partir disso, apresentar os impactos dessa violência na sua trajetória. A construção da pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica fundamentada em teóricos como Candido (2014), Brait (2017) e Eagleton (2021), para realizar a análise da construção da personagem; Ginzburg (2013 e 2010), para analisar a violência presente em obras e personagens literárias; DaMatta (1997) e Gouveia (2021), para elaborar a análise da constituição da violência presente na personagem de Guimarães Rosa. Posteriormente, realizou-se uma análise qualitativa para estudar os fatores expressos na narrativa, que contribuem para formar a presença da personalidade violenta na constituição da personagem Augusto Matraga. Esse estudo permitiu observar que a violência presente na personagem analisada é influenciada e construída por meio de elementos como o contexto social e o espaço em que se passa o enredo, a trajetória de vida e criação da personagem, tudo isso moldado por um campo semântico que acentua as especificidades da personagem.

PALAVRAS – CHAVE: literatura e violência; construção da personagem; Augusto Matraga.

ABSTRACT

This work aims to analyze the violence present in the constitution of the character Augusto Matraga. The research aimed to address how the theme of violence is present in the novel, *The hour and the turn of Augusto Matraga*, by João Guimarães Rosa, through the description of the process of violence in the characterization of the character and from this, present the impacts of this violence on his trajectory. The construction of the research started from a bibliographic review based on theorists such as Candido (2014), Brait (2017) and Eagleton (2021), to perform the analysis of the character's construction; Ginzburg (2013 and 2010), to analyze the violence present in literary works and characters; DaMatta (1997) and Gouveia (2021), to elaborate the analysis of the constitution of violence present in the character of Guimarães Rosa. Subsequently, a qualitative analysis was performed to study the factors expressed in the narrative, which contribute to form the presence of violent personality in the constitution of the character Augusto Matraga. This study allowed us to observe that the violence present in the analyzed character is influenced by elements present in the text, such as the selection of the social context in which the plot takes place, the trajectory of life, in which the character experiences, as well as the presence of a semantic field used by the narrator to present the specificities of a given character.

KEYWORDS: literature and violence; character construction; Augusto Matraga.

Introdução

As obras literárias, em sua grande maioria, são compostas por uma variedade de temas que estão presentes no meio social e que são abordados de forma estética nos textos literários, utilizando-se da mimese e da verossimilhança como forma de criar situações e histórias que poderiam acontecer, segundo afirma Candido (2014, p. 18), lembrando Aristóteles. Dentre os variados temas que constituem os textos literários, a violência é um tema que, conforme Ginzburg (2013, p. 37), está presente desde as antigas epopeias, as quais apresentam, em seu contexto, histórias de heróis e duelos que envolviam momentos de extrema violência. Na literatura brasileira, o que vai influenciar a presença dessa temática na construção de obras literárias é a constatação da violência no processo social brasileiro, pois, como bem afirma Ginzburg (2010, p. 5): “a consciência da presença de violência social na História do Brasil pode atuar como fundamento para escritores construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas”.

João Guimarães Rosa é um dos nossos autores que apresenta, em parcela significativa de sua obra, a violência como tema principal. Essa situação se dá, entre outras razões, por seus escritos serem de cunho regionalista, expondo nos contextos narrativos uma cultura ambientada no sertão mineiro, marcada pela violência. Nas palavras de Candido (1977, p. 135), uma realidade distante da “civilização urbana”, dando espaço para o surgimento de personagens e figuras como as dos cangaceiros e dos jagunços, cujas vidas estão envolvidas por uma violência habitual.

O livro *Sagarana* (2015), de João Guimarães Rosa, apresenta nove novelas, nas quais podemos observar que a temática da violência no sertão é palco para as narrativas. A última novela, intitulada “A hora e a vez de Augusto Matraga” e, especificamente, a personagem Augusto Matraga serão o objeto de análise deste trabalho.

O trabalho tem a finalidade de abordar como a violência se apresenta na constituição da personagem protagonista da referida novela. Para a análise sobre a construção da personagem de ficção, foram utilizados teóricos como Candido (2014), Brait (2017) e Eagleton (2021). No que diz respeito à presença da violência na literatura e na construção de obras literárias, foram utilizadas as considerações de Ginzburg (2013 e 2010). Já sobre a análise da violência na constituição da personagem, o embasamento teórico se fundamentou em DaMatta (1997) e Gouveia (2021).

Durante o estudo da disciplina de Literatura Brasileira V, tive a oportunidade de se aprofundar teoricamente na utilização de temas violentos em obras literárias brasileiras. Especificamente, fui apresentada à leitura e estudo da novela “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, vindo a despertar o interesse por um estudo mais aprofundado sobre a constituição e construção da personagem Augusto Matraga, sobretudo por entender que ela apresenta uma personalidade bastante peculiar. De forma mais específica, o interesse se volta para compreender as motivações que fazem da personagem um ser constituído de violência.

A metodologia utilizada para a construção do trabalho se deu através de uma pesquisa bibliográfica em autores como: Candido (2014), em seu ensaio “A personagem do romance”; Rosenfeld (2014), em seu ensaio “Literatura e Personagem”, ambos constantes na obra *A personagem de ficção*, cujos textos abordam a construção das personagens nos gêneros literários; Beth Brait (2017), em sua obra *A personagem*, que também aborda a construção e classificação das personagens de ficção; Terry Eagleton (2021), com seu livro *Como ler literatura*, que aborda formas de analisar obras literárias; e Jaime Ginzburg (2012 e 2010), com seu livro *Literatura, violência e melancolia* e sua tese *Crítica em tempos de violência*, que abordam a temática da violência em obras literárias. A partir desses estudos, posteriormente, utilizou-se de uma abordagem qualitativa para a análise da violência na constituição e construção da personagem Augusto Matraga.

O trabalho está dividido em três partes. Inicialmente é apresentado um estudo da composição da violência presente em obras literárias de forma geral e em obras literárias brasileiras em particular. Na segunda parte é apresentada uma leitura e análise da obra “A hora e a vez de Augusto Matraga” e da violência que constitui a obra de Guimarães Rosa. Na terceira parte é apresentada uma análise específica sobre a constituição e construção da personagem Augusto Matraga.

Portanto, sendo a construção da personagem elaborada a partir de elementos que compõem a narrativa, Brait (2017, p. 73) afirma que ela pode ser identificada através de uma análise sobre a forma como o escritor se utilizou para moldar e caracterizar determinada personagem. Nesse sentido, verificou-se que a personagem Augusto Matraga foi construída também por meio dos elementos presentes na narrativa, como o espaço físico, as características da sua postura física e suas atitudes, que são apresentadas a partir de um campo semântico que é utilizado pelo escritor, refletindo diretamente na constituição de uma personalidade violenta.

1. A violência: tipologia e matéria literária

A violência é um elemento que se mantém presente na sociedade desde muito tempo, podendo ser caracterizado como um fator constituinte do ser humano. A sua definição pode ser estudada e apresentada por correntes sociológicas e filosóficas, bem como pela psicologia e psicanálise.

De um modo geral, o significado da palavra violência não está bem delimitado no dicionário Aurélio, sendo ele caracterizado de forma breve e pouco explicativa: “1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar” (FERREIRA, XXI, p. 712).

Em seu livro *Conceitos e forma de violência*, Modena apresenta um significado mais amplo da palavra:

A origem do termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética. (MODENA, 2016, p. 8).

Modena (2016) ainda afirma que determinado conceito ou característica de violência dependerá da cultura local em que a sociedade está inserida, pois o que pode ser considerado violência para determinada cultura pode não ser considerado violência para outra.

Em se tratando das formas e dos tipos de violência, poderia se apresentar uma extensa lista, porém, o que foi analisado no decorrer da pesquisa foi uma violência que está caracterizada nos danos físicos e psicológicos ao ser humano.

Dentro dos textos literários, é comum o leitor se deparar com variados temas polêmicos. Dentre esses vários temas, a violência é uma temática que faz parte das obras literárias desde muito tempo, podendo ela ser apresentada em suas variadas formas.

A presença da violência em textos literários vem desde a época clássica a partir da construção dos textos épicos, sendo esse elemento um fator essencial na construção de seus personagens, como bem afirma Ginzburg:

Se cabe ao herói épico o ato violento, isso é inteiramente justificado dentro desse contexto: defesa de valores de seu grupo, construção de imagens afirmativas de coletividade, força de soberania, consolidação de mitos. [...] O culto aos heróis, ainda que violentos e cruéis, está ligado a um culto de coletividades soberanas, que não precisam e nem devem sentir remorso com relação aos inimigos que matam. (GINZBURG, 2012, p. 38).

Nesse sentido, a violência é um dos fatores principais para a composição e constituição das personagens de histórias épicas, sendo necessário para que ocorra o confronto, elemento principal dos textos épicos.

Outro fator que contribui para a presença da temática da violência em textos literários se dá pelo fator histórico-cultural contido na sociedade, pois é observável a influência que o contexto social apresenta na construção dos enredos.

Levando em consideração a cultura histórica de uma sociedade, é notável observar nos textos literários temas violentos como: escravidão, guerras, segregação de uma minoria, violência velada, violência contra a mulher, dentre vários outros. Nesse sentido, é comum que esses temas influenciem a construção de obras literárias, pois, segundo Ginzburg:

Compreendendo a literatura como produção constituída historicamente, e não como objeto fechado em si mesmo, podemos formular a hipótese de que a enorme carga de violência que caracterizou a história brasileira tenha implicações nas obras literárias. (GINZBURG, 2010, p. 78).

Para o leitor poder identificar a presença da temática da violência constituída em obras literárias, Ginzburg (2013, p. 30) afirma que devem ser observados alguns elementos presentes no texto, como a linguagem que o texto apresenta, a exemplo do uso das figuras de linguagens presentes na construção da narrativa, como também “a análise do narrador” e a “contextualização histórica”.

1.1 Notas sobre a violência na literatura brasileira

Partindo do pensamento de Ginzburg (2010), de que o fator cultural de uma sociedade influencia na construção de textos literários, uma das formas de se analisar uma obra é considerando a situação política e social em que determinado texto foi produzido, ou até mesmo que momento histórico-social o texto analisado está caracterizando.

Em se tratando do Brasil, a cultura da violência na sociedade pode ser observada de forma mais efetiva nos processos sociais que aqui ocorreram, pois um país no qual a cultura da violência está caracterizada em suas raízes, conseqüentemente, faz com que determinada temática tenha uma influência predominante nas construções dos textos literários aqui produzidos. Como bem afirma Ginzburg, os temas centrais sobre a violência que se mostram interligados aos processos sociais nos quais fazem parte da cultura brasileira são:

O processo exploratório colonial, a organização predatória imperialista, o genocídio indígena, o tráfico negreiro, o cotidiano escravocrata de penalizações e mutilações, o patriarcado machista, os estupros, os linchamentos, os fanatismos religiosos, os abusos policiais, a truculência militar, agressões ligadas a preconceitos de raça, religião, orientação sexual, agressões a crianças, torturas em prisões. (GINZBURG, 2010, p. 139).

Portanto, ao se analisar alguns textos literários, pode-se observar que a violência é um tema que se faz bastante presente na sua constituição, esteja ela influenciada pelo contexto atual, ou até mesmo por temas ocorridos no passado.

Algumas obras literárias apresentam em seus contextos reflexos de situações de violência ocorridas nos processos sociais, como podemos observar no poema *Navio Negreiro* (1870) de Castro Alves, que aborda as situações ocorridas em viagens de africanos, vítimas de tráfico escravo, trazidos para o Brasil, como também *Memórias do Cárcere* (1953) de Graciliano Ramos, em que podemos observar o relato sobre a prisão do autor em 1936, em razão de sua suposta participação na Intentona Comunista.

Outros nomes, como os de Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Caio Fernando Abreu, se destacaram na década de 1960, por apresentarem temas tabus para a sociedade. Temas como a violência contra a mulher, agressão física, tortura, assassinato de homossexuais, prostituição, tráfico de drogas, segregação, dentre outros, se constituíram nos textos desses autores. O conto *Corações Solitários*, que faz parte do livro *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, aborda a exclusão, a solidão e a angústia de homossexuais, por se sentirem excluídos da sociedade. Já o conto *Sargento Garcia*, parte integrante do livro *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu, apresenta a violência, a melancolia e a homofobia como representação social. Outro autor que teve destaque nesta época é Dalton Trevisan, com o livro *Pão e Sangue* (1988), que apresenta vinte e dois (22) contos em que aparecem variadas formas de violência.

Alguns textos abordam a temática da violência como justificativa favorável, pois, nas suas narrativas, a violência é exposta como fator de solução e libertação de determinados problemas. É o caso do duelo entre Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem, que ocorre com a justificativa de poupar uma catástrofe maior, que seria o extermínio de uma família. Em outros casos, ela é apresentada como fator social de uma determinada cultura, a exemplo das histórias de jagunços, que, em sua grande maioria, apresentam a violência contida na estrutura social, pois, segundo Candido, “o jagunço é, portanto, aquele que, no sertão, adota uma certa conduta de guerra e aventura compatível com o seu meio, embora se revista de atributos contrários a isto [...]” (CANDIDO, 1977, p. 148).

Podemos observar a presença da violência também em contos como “A causa secreta” (1885), de Machado de Assis, que apresenta como protagonista uma personagem sádica, que sente prazer no sofrimento e deterioração de outros seres. Em outras obras, a exemplo do poema “Os rostos imóveis” (1942), Carlos Drummond de Andrade apresenta um eu-lírico que se mostra apático em relação à morte que parece estar em tudo à sua volta. Segundo Ginzburg, “o sujeito lírico criado por Drummond é marcado pela perda de pai morto, namorada morta, mortos e mais mortos, e uma cidade em ruínas.” (GINZBURG, 2010, p. 104).

Portanto, podemos observar que é extensa a lista de obras literárias brasileiras que abordam a temática da violência, um assunto que, na maioria dos casos, é resultado de um contexto político e sociocultural.

1.2 A violência em Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa é considerado por muitos críticos como um autor de obras regionalistas. Nesse sentido, muitas de suas obras narram a cultura e os costumes de um sertão mineiro, apresentando em seu contexto temas que variam entre duelos, vinganças, conflitos, a vida jagunça, dentre outros.

O sertão mineiro que se apresenta como espaço físico para os acontecimentos e narrativas das obras de Guimarães Rosa é atrelado, na sua cultura, à falta de uma figura ou estrutura social que imponha uma ordem ou lei para manter a paz e a socialização de seu povo. A falta da presença de um Estado como base principal e figura organizacional que imponha uma lei e um amparo social que ofereça um mínimo de cidadania vai influenciar diretamente nessa forma de violência em que o sertão é induzido a viver.

Consequentemente, isso abre espaço para o surgimento de figuras como o cangaceiro e o jagunço, fornecendo matéria-prima para narrativas de violência, como bem podemos observar nessa passagem de Candido:

A violência habitual como forma de comportamento ou meio de vida, ocorre no Brasil através de diversos tipos sociais, de que o mais conhecido é o cangaceiro da região nordestina [...] Como estas áreas são menos atingidas pela influência imediata da civilização urbana, é natural que o regionalismo literário, que as descreve, tenha abordado desde cedo o jagunço e o bandido. Com efeito, o nosso regionalismo nasceu ligado a descrição da tropelia, da violência grupal e individual, normas de certo modo nas sociedades rústicas do passado. (CANDIDO, 1977, p. 135).

Aproveitando-se de uma ambiência regionalista, Guimarães Rosa utiliza o espaço do Sertão mineiro para narrar as suas histórias. Nesse sentido, podemos observar que, em muitas de suas obras, o cangaceiro e o jagunço fazem parte de seus enredos, como também a temática da violência em suas variadas formas. Em seu livro intitulado *Sagarana* (2015), são apresentadas nove novelas, que, em sua grande maioria, abordam a violência constituída de alguma forma. Benedetti afirma que a maioria das personagens compostas no livro *Sagarana* apresentam atos de violência:

Em Sagarana há uma galeria de personagens violentas [...] Silvino, de O burrinho pedrês, e Alexandre, de Minha gente, tem razões imediatas para matar seus rivais, pois estão sob o impacto das traições das mulheres que amam [...] Tiãozinho, de Conversa de Bois, mata Agenor Soronho, movido pelo ciúme que tem da mãe, pelo amor que tem ao pai, e pela brutalidade do carreiro. O valentão Targino, de Corpo fechado, hesita e teme por sua vida ao ver a resolução do pusilânime Manuel Fulô no momento do duelo entre ambos. O violento Nhô Augusto, de A hora e a vez de Augusto Matraga, vê a morte próxima e, arrependido, passa a viver rigorosa devoção religiosa. [...] Cassiano representa o extremo da violência, aquela que o leva o indivíduo a não hesitar em prejudicar a própria mãe, comprando o capiau e em perder a vida e a alma, se realmente for cristão, para levar a morte de um desafeto [...] (BENEDETTI, 2008, p. 116).

O romance *Grande sertão: veredas*, de 1956, apresenta a história de vida do jagunço Riboaldo e, durante a narrativa, são apresentadas ao leitor várias situações em que a temática da violência está inserida, a exemplo de batalhas, duelos, vingança e morte.

2. Notas sobre “A hora e a vez de Augusto Matraga” e sobre Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908 na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais, e faleceu de um enfarte, quando tinha cinquenta e nove anos no Rio de Janeiro em 1967, precisamente três dias depois de ter sido admitido à Academia Brasileira de Letras.

Rosa se formou em Medicina e exerceu a profissão em algumas cidades no interior de Minas. Em 1934 serviu como cônsul-adjunto em Hamburgo, foi também secretário da embaixada em Bogotá, como também conselheiro-diplomata em Paris. Já no Brasil, Rosa foi chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras.

Como escritor, Guimarães Rosa vai ganhar destaque em 1956 com as obras *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, as quais foram traduzidas em francês, italiano, espanhol, inglês e alemão. Em suas construções textuais, são observáveis elementos voltados à temática regionalista, o misticismo, o dualismo entre vida/morte, bem/mal, as crenças religiosas, ritos e lendas. A linguagem de seus textos apresenta aspectos exóticos e pitorescos, nos quais o conflito internalizado de seus personagens ganha destaque nas narrativas; os neologismos criados em suas obras também são considerados um fator diferencial.

Por se fazerem presentes, em suas obras, tanto as temáticas regionais do Sertão Mineiro, como também temas considerados universais, Antonio Candido afirma em entrevista sobre Guimarães Rosa que sentiu a necessidade de criar um termo, caracterizando o estilo do autor como “transregionalismo ou surrealismo” (CANDIDO, 1997).

Sua primeira obra, intitulada *Sagarana*, foi publicada em 1946. O título é uma das criações linguísticas do autor. Nela, constam nove textos que se caracterizam como pertencentes ao gênero literário *novela*¹, os quais abordam uma temática que, segundo Buhler:

[...] se entrelaçam, sob uma lógica fabular, mundo histórico da República oligárquica e mundo mítico marcado pela série cíclica vida/ morte/ renascimento, tendo como corolário o tema do destino sob a assinatura da transformação. (BUHLER, 2021, p. 15).

¹ O termo novela utilizado neste trabalho considera a classificação adotada pelo próprio autor. Em carta enviada a João Condé, na qual apresenta informações sobre os escritos do livro *Sagarana*, Guimarães Rosa assim chama os textos da obra: novelas. (ROSA, 2015).

O livro *Sagarana* foi e continua sendo objeto de estudo de muitos críticos e analistas, pois é notável a grande quantidade de textos que apresentam análises desta obra, a exemplo de dissertações, teses, artigos, ensaios, dentre outros.

A construção da obra *Sagarana*, segundo Rosa (2015), se deu inicialmente a partir da construção de doze novelas, a saber: O Burrinho Pedrês, A volta do marido Pródigo, O Duelo, Sara Palha, Questões de Família, Uma história de amor, Minha gente, Histórias de bois, Bicho Mau, Corpo fechado, São Marcos e A hora e a vez de Augusto Matraga.

Inicialmente, em 1937, a obra ganhou o título de “Sezão”, porém, posteriormente, em razão de um processo de revisão, a qual resultou uma modificação em sua estrutura, a obra passou a ser intitulada de *Sagarana*, em 1945, com a retirada de algumas novelas (Questões de família, Uma história de amor e Bicho mau). Em se tratando das nove novelas que permaneceram, essas sofreram um processo de reformulação em sua escrita (ROSA, 2015, p. 27).

Em uma carta escrita por Guimarães Rosa e enviada para João Condé, Rosa apresenta informações sobre a construção e a evolução do livro:

O livro foi escrito — quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas — em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945 foi “retrabalhado”, em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez). (ROSA, 2015, p. 27).

A obra “A hora e vez de Augusto Matraga” é precisamente a última novela a ser apresentada no livro *Sagarana*, sendo considerada por Ronai como “a novela talvez mais densa de humanidade de todo o volume” (RONAI, 1946, p. 9).

A novela apresenta temas como traição, jaguncismo, religião, violência, duelos e viagens. A narrativa apresenta a história da personagem Augusto Matraga, um fazendeiro que se encontra em uma condição financeira em processo de decadência, detentor de uma personalidade violenta, que trata a todos com bastante truculência. Após ter sido traído por sua mulher e seus jagunços, a personagem é exposta a uma experiência de violência física brutal, o levando à quase morte, buscando a partir desse fatídico evento uma mudança de vida, adentrando no âmbito da religiosidade, buscando poder converter sua personalidade violenta em um ser espiritualizado, esperando que consiga ser perdoado dos seus pecados, como também encontrar a “sua hora e a sua vez”.

Sobre a obra, Candido afirma que:

Não é aí, todavia, que devemos procurar a obra-prima do livro, mas no citado "Augusto Matraga", onde o autor, deixando de certo modo a objetividade da arte-pela-arte, entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos da nossa literatura, dentro do conto que será, daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da língua. (CANDIDO, 2002, p. 189).

Dentre os variados temas abordados, a temática da violência se sobressai, como bem afirma Benedetti: “[...] é a alegoria da violência no seu estado mais puro e encerra de forma apropriada um livro em que a violência se manifesta do começo ao fim” (BENEDETI, 2008, p. 11). Essa afirmação se confirma ao analisar a trajetória de vida da personagem, a qual possui uma personalidade violenta, adquirida por uma criação familiar conturbada, como também no decorrer da narrativa, pois sofre um ato de violência cometido pelos seus antigos jagunços e atuais de Major Consilva, o levando a uma quase morte. Por fim, buscando a redenção de sua alma, encontra “a sua hora e sua vez” por meio de um duelo com Joãozinho Bem-Bem, cujo desfecho ocasiona a morte de ambos.

3. A construção da personagem de ficção

A figura da personagem constitui-se como um dos principais elementos dos textos ficcionais. Entende-se por texto ficcional todo e qualquer texto que apresente em seu conteúdo uma narrativa criada pelo seu escritor com a intenção de proporcionar um jogo lúdico para a satisfação do leitor. Segundo Rosenfeld:

Uma das diferenças entre o texto ficcional e outros textos reside no fato de, no primeiro, as orações projetarem contextos objectuais e, através destes, seres e mundos puramente intencionais, que não se referem, a não ser de modo indireto, a seres também intencionais (ônticamente autônomos), ou seja, a objetos determinados que independem do texto. (ROSENFELD, 2014, p. 17).

Sendo um dos elementos que ganha destaque na construção ficcional, as personagens, criadas e moldadas pelos escritores, compõem determinados textos com a intenção de proporcionar um enriquecimento estético da obra, pois, segundo Candido, “a personagem vive os enredos e as idéias, e os torna vivos” (CANDIDO, 2017, p. 54).

Em se tratando de uma análise voltada para a construção e constituição da personagem de uma narrativa, Brait (2017) e Candido (2014) orientam que é de fundamental importância que esta análise se inicie a partir da observação do narrador presente na obra:

Qualquer tentativa de poder sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador, essa instância narrativa que vai conduzindo o leitor pelo mundo que parece estar se criando a sua frente. (BRAIT, 2017, p. 74).

Nesse sentido, as características que compõem a construção da personagem podem ser observadas a partir da forma como o narrador conduz a narrativa. Porém, Brait (2017, p. 90) ainda reforça que elementos como o discurso, a linguagem e os monólogos também são de extrema importância para poder analisar e identificar como determinada personagem foi construída.

Outro autor que orienta o processo de análise da construção da personagem é Terry Eagleton, em seu livro *Como ler literatura* (2021). Na visão deste crítico, as personagens não podem ser analisadas de forma isolada, mas, sim, levando em consideração a sua relação com o tema, o enredo, as imagens, os símbolos e o uso da linguagem.

Os estudos sobre o conceito da personagem de ficção e sobre a sua construção vêm a surgir, segundo Brait (2017), na Grécia antiga, a partir do filósofo Aristóteles, que apresenta a ideia de semelhanças existentes entre a personagem de ficção e a pessoa, considerando os termos *mimesis* e *verossimilhança*. Sobre a *mimesis* aristotélica, essa se define, segundo Brait, como sendo “[...] ‘imitação do real’, como referência direta à relação de uma semelhança ou imagem da natureza.” (BRAIT, 2017, p. 38).

Considerando o termo aristotélico de *mimesis* e levando em consideração a arte e a função pedagógica, Horácio (65-8 a.C.) considera que as personagens de ficção, além de serem criações semelhantes aos seres humanos, também devem apresentar um modelo moral a ser seguido.

Os elementos que apresentam uma personagem construída à semelhança do melhor do ser humano são defendidos por vários outros estudiosos e críticos, vindo a se perdurar até o século XVIII, como bem afirma Brait:

Seria possível elencar aqui vários outros conceituados autores que, durante os séculos XVI e XVII, legaram a posteridade curiosos estudos da personagem

como imagem de pessoa, revestida da moralizante condição de verdadeiro retrato do melhor do ser humano. (BRAIT, 2017, p. 45).

Em meados do século XVIII, uma nova concepção de personagem vem a surgir, deixando de ser considerada como sendo uma representação semelhante do melhor do ser humano e vindo a surgir uma concepção da personagem que será projetada através da maneira de ser do seu criador.

Candido (2014) afirma que François Mauriac apresenta a criação de uma personagem que será construída a partir das memórias internalizadas de seu criador, de modo que:

[...] há uma relação estreita entre a personagem e o criador. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeções de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida. (CANDIDO, 2014, p. 66).

Já no século XX, partindo agora para a visão de Gyorgy Lukács (1885-1971), a partir de sua obra *Teoria do Romance* (1920), o autor apresenta que os elementos textuais e a construção da personagem se baseavam numa influência direta das estruturas sociais.

É por meio dos Formalistas Russos em 1916, com a publicação do livro *Formalismo Russo*, de Victor Erlich, que a personagem vai ser considerada como um “ser de linguagem”, deixando assim de ser considerada à semelhança do ser humano.

De acordo com essa teoria a personagem vai ser vista como um dos componentes da fábula, e só adquire sua especificidade de ser fictício na medida em que está submetida aos movimentos, às regras próprias da trama. (BRAIT, 2017, p. 52).

Desse modo, a constituição da personagem partirá de uma iniciativa do seu criador, podendo ser construída com características que tanto podem apresentar uma semelhança aos seres humanos, como também podem ser uma criação que partirá de uma visão psicológica do seu autor, ou até mesmo ser um ser de linguagem, integrado ao texto.

Em se tratando da classificação das personagens, Brait (2017) apresenta em seu livro que, em meados do século XVIII, Johnson classificava as personagens em duas formas, sendo elas: as “personagens de costume”, que seriam aquelas personagens divertidas e mais fáceis de serem identificadas, por apresentarem características que são

fixadas do início ao fim do texto; e as “personagens de natureza”, que apresentam características voltadas ao seu modo íntimo de ser, sendo mais difíceis de serem identificadas, pois não apresentam uma postura constante em seu comportamento.

Já o inglês E. M. Foster (1879-1970) classifica as personagens de uma obra em duas posições: as personagens planas e redondas. As personagens planas são “construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade” (BRAIT, 2017, p. 47). Seriam as personagens que se mantêm com as mesmas ideias, características e personalidade do início ao fim do texto, não surpreendendo o leitor. Em se tratando das personagens redondas, Candido afirma que “as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 2014, p. 63).

As personagens redondas seriam aquelas que não apresentam uma especificidade bem definida, podendo surpreender o leitor com determinadas atitudes, pois elas são dinâmicas e complexas.

3.1 A personagem Augusto Matraga aos olhos do narrador

Seguindo as orientações de Brait (2017) e Candido (2014), que entendem que os elementos da narrativa (personagens, espaço, tempo, enredo) devem ser analisados de forma integrada, notadamente, a construção de uma personagem deve partir da configuração do tipo de narrador escolhido pelo autor. Detectamos que, na novela *A hora e a vez de Augusto Matraga*, o narrador é configurado como de “terceira pessoa”, observador e onisciente, sendo por meio dele que o protagonista é moldado e apresentado, como bem podemos observar na passagem inicial da narrativa:

Matraga não é Matraga, não é nada, Matraga é Estêves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto - o homem - nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici. (ROSA, 2015, p. 339).

A narrativa, portanto, se inicia com o narrador apresentando a personagem por meio dos seus três nomes: Augusto Esteves, nome de batismo; Nhô Augusto, nome social, popular e mais conhecido no interior; e Augusto Matraga, nome que caracteriza a sua fase de transformação e redenção. Na sequência, o narrador apresenta o espaço

narrativo, o lugar em que ocorre a primeira cena, tratando-se de um ambiente físico, religioso, no momento de realização de uma novena e de um leilão promovido pela igreja.

Através da apresentação inicial do enredo, que enfatiza diretamente os nomes que a personagem adquire no decorrer da narrativa, o narrador já está antecipando ao leitor informações de que essa personagem vivenciará um processo de mudança.

Sobre a apresentação de Nhô Augusto aos olhos do narrador, o livro *Da Ignomínia à pertença*, que tem como organizador Arturo Gouveia (2021), apresenta no ensaio *A fraternidade como exceção* que:

Nhô Augusto é identificado pelo narrador – no princípio, vagamente; depois, com mais precisão, pela qual sabemos de sua origem, filiação, criação, formação, situação mais próxima, um conjunto de dados que se acumulam em sumário narrativo e em cenas do desenvolvimento do enredo. (GOUVEIA, 2021, p. 91).

Em se tratando da utilização do narrador onisciente intruso utilizado na narrativa, pode-se observar que é, por meio dele, que a personagem vai se moldando aos olhos do leitor, pois esse tipo de narrador apresenta a forma como determinada personagem se comporta como também apresenta as suas impressões de forma detalhada e minuciosa, como bem podemos observar nesse trecho.

[...] e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. (ROSA, 2015, p. 299).

O narrador enfatizou a forma como a personagem se comporta em público, buscando assim, através desse perfil, mostrar ao leitor que essa personagem é um ser de temperamento difícil e incomum, e que através dessas suas atitudes a narrativa apresentará mais a frente situações e momentos tensos e possivelmente carregados de violência.

Portanto, é por meio de elementos apresentados pelo narrador do texto que o leitor pode construir mentalmente a estrutura física e psicológica que constitui a personagem inserida na narrativa. Beth Brait, em seu livro *A personagem*, afirma que:

[...] um narrador em terceira pessoa, uma câmera privilegiada, que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e

pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que ele quer retratar. (BRAIT, 2017, p. 78).

Essas descrições apresentadas pelo narrador é um recurso que serve de embasamento para que o leitor possa identificar quem é essa personagem que está sendo construída no decorrer do enredo.

Outro trecho em que a personagem é apresentada através das impressões do narrador é quando ele expõe a atual situação de Nhô Augusto:

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca. (ROSA, 2015, p. 303).

É observável que o narrador apresenta o temperamento violento e atual da personagem, entre outras razões, como resultado da morte do pai, como também em função da atual situação financeira do fazendeiro. Essas informações são apresentadas como recurso que justifica uma situação mais extrema que possivelmente acontecerá.

Rosa cria um narrador que apresenta a personagem por meio de seus comportamentos e temperamento explosivo, apresentando também as possíveis justificativas para que isso ocorra. Por outro lado, podemos perceber que não há uma apresentação dos sentimentos mais internos da personagem, o que ela sente e o que ela pensa sobre determinadas situações. Essa observação pode estar ligada à intenção de Guimarães Rosa em enfatizar, na primeira parte da narrativa, apenas a temática da violência que se faz presente na vida da personagem.

E as pistas apresentadas pelo narrador de que uma situação de extrema tensão iria acontecer, chegou! Pois, o camarada, Quim recadeiro, informa a Nhô Augusto que sua esposa e filha fugiram com o personagem Ovídio Moura. Diante da situação, Nhô Augusto, ao mandar convocar os seus capangas, fica sabendo através de Quim Recadeiro que eles agora fazem parte do bando do Major Consilva, antigo inimigo de seu pai. E quando já ficava “vermelho e feroz” com as informações apresentadas, decide se vingar do Major Consilva.

Os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: - Fala com Nhô Augusto que sol de cima é

dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer. (ROSA, 2015, p. 306).

Observa-se nessa passagem do texto a influência que o poder econômico apresenta na narrativa, sendo também através dela que o leitor pode observar o declínio da personagem Nhô Augusto, que chega a perder a influência e o domínio de seus homens para o Major Consilva.

Ao adentrar a fazenda, uma emboscada o aguardava, situação que ocasionou uma surra sofrida tanto dos capangas do Major, como também de seus antigos capangas. Nhô Augusto, ao ser ferido a fogo e ferro pelos capangas, se joga de cima de um barranco e é considerado como morto.

Durante a narrativa em que se passa a cena de violência sofrida por Nhô Augusto, podemos perceber que o narrador, mais uma vez, não se detém a apresentar as sensações e emoções da personagem, mas sim, narra de forma fria, realista e linear os acontecimentos. Esses recursos utilizados pelo autor, segundo Guinzburg:

[...] trata-se de uma expectativa de um enfeito de verdade, construindo retoricamente e linguisticamente. [...] optando por estratégias como narrativa linear, a configuração de um narrador estável com aparência de objetividade, um tempo organizado em continuidade e uma seleção de vocábulos próxima da confiabilidade atribuída, em seus contextos de recepção específicos [...] (GINZBURG, 2010, p. 34).

Sendo assim, esse realismo e linearidade da narrativa fornece uma impressão de que o autor buscou impactar o leitor apresentando uma cena que se aproximasse do real. Já a indiferença do narrador aos sentimentos da personagem pode ser um recurso utilizado por Rosa para indicar que esse narrador é um ser que se apresenta apático a determinadas cenas de violência.

Posterior à cena de violência, um casal de “pretos” encontrou a personagem quase sem vida e decide levá-lo para cuidar dele. Esta situação de extrema violência, que o leva a uma quase morte, é um dos principais fatores que ocasiona a decisão de transformar sua vida.

Nesse sentido, a personagem Nhô Augusto sofre um processo de transformação do ser, pois se inicialmente era apresentado pelo narrador como sendo uma pessoa constituída de uma personalidade violenta, fria e sem preceitos, a partir da segunda parte da narrativa a personagem passa a buscar, por meio de um processo de purificação

da alma, encontrar a “sua hora e vez”, ocasionando, assim, uma mudança de vida através de suas atitudes e pensamentos, uma resignificação do ser.

Nessa nova fase de transformação da personagem, podemos observar que ela se constitui de uma nova personalidade, pois, de agora em diante, é através da religiosidade que buscará o perdão dos seus pecados e a salvação da sua alma, se transformando em um ser sereno, sem ódio e sem rancor, como podemos observar na seguinte passagem extraída do texto:

E tomara um tão grande horror as suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar: e só rezando mesmo. Espanta as idéias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso foi lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão. (ROSA, 2015, p. 312).

Seguindo os conselhos do padre, Nhô Augusto e o casal de “pretos” buscam um novo local para iniciar essa nova fase de suas vidas. Sendo assim, o espaço físico da narrativa passa a ser o povoado do Tombador, local em que a personagem passará por um processo de reflexão e purificação da sua alma na busca de poder encontrar a “sua hora e vez”.

Nesta segunda parte da novela, o narrador apresenta características de uma personagem diferente da apresentada no início da narrativa. A partir de então, é vista como:

[...] um homem esquisito, que ninguém não podia entender. Mas todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois. Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa. (ROSA, 2015, p. 313).

Agora, as expressões utilizadas pelo narrador para apresentar a personagem são modificadas e não apresentam mais violência. Por meio dos verbos “trabalhar, ajudar, capinar e repartir” se observa que a personagem passa a ser apresentada de forma diferente do início da narrativa, pois suas qualidades são de um ser compassivo.

Diante das características apresentadas pelo narrador, temos uma personagem possivelmente resignificada, pois, através da renúncia de uma vida cheia de maldade, a personagem passa agora a ser constituída de bondade e amor ao próximo, tudo isso com

a esperança de que consiga a salvação de sua alma, como também tentar encontrar “a sua hora e vez”.

Na segunda parte da narrativa, o autor criou uma personagem oposta à apresentada no início do enredo, utilizando-se de recursos como as ações de bondade vistas pelo narrador e até mesmo a apresentação de sentimentos internos da personagem, que antes eram omitidos ao leitor, na busca de convencer o leitor de uma possível mudança de personalidade.

Em um determinado momento da narrativa, depois de um longo tempo de reflexão, a personagem se sente preparada para poder partir em busca de sua “hora e vez”, compreendendo que essa deva ser encontrada em outro lugar: “- Adeus minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 2015, p. 328). É observável a apresentação de um vocabulário simples e descontraído pela personagem, no qual expõe uma leveza e tranquilidade nas palavras tendo a convicção de que seus dias de penitência acabaram e que estava na hora de ir procurar “a sua hora e vez”.

Durante a viagem, Nhô Augusto chega a um povoado chamado Arraial do Rala-Coco, local onde se encontravam Seu Joãozinho Bem-Bem e seus jagunços. Porém, a situação em que se encontrava o povoado não era das mais agradáveis, pois acontecia um processo de vingança contra a família de um rapaz que teria matado à traição um dos jagunços do bando, o Juruminho.

A partir disso, a personagem pede por Deus e pelos Santos que Joãozinho Bem-Bem desista da vingança, porém ao receber uma resposta negativa, se inicia um duelo que irá representar para a personagem a sua salvação e a absolvição de seus pecados, “a sua hora e sua vez”.

Durante a narrativa do duelo entre Nhô Augusto e o Joãozinho Bem-Bem, podemos observar que há uma hibridização entre as duas personalidades da personagem, pois, na tentativa de salvar a família que estava prestes a ser executada, a personagem apresenta a personalidade na qual foi constituída na segunda parte da narrativa: um ser justo e espiritualizado, se utilizando do termo “- Epa! Nomopadrofilhospritosantoamêin!” (ROSA, 2015, p. 335), como ideia de se abençoar antes de iniciar o duelo.

Porém, ao mesmo tempo podemos observar que a forma como a personagem conduz o duelo é semelhante àquele Nhô Augusto do início da narrativa: cruel, violento e destemido, situação essa que pode ser observada tanto através da utilização de

expressões qualificadas e pelos xingamentos, como também por meio da impressão do narrador ao apresentar o duelo, como bem apresenta essa passagem do texto:

[...] Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...
 E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida a fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos.
 - Ô gostosura de fim-de-mundo!...
 E garrou a gritar as palavras feias todas e os nomes imorais que aprendera em sua farta existência, e que havia muitos anos não proferia. [...]
 A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago [...]. (Rosa, 2015, p. 335-336).

Encerrado o duelo entre as personagens, que ocasiona a morte de ambos, o leitor pode observar, por meio da apresentação do narrador, a transformação de Nhô Augusto em Augusto Matraga, acontecendo o tão esperado momento que era a chegada da “sua hora e vez”. Sendo assim, ele acredita que esse acontecimento seria o fator que ocasionaria a remissão dos seus pecados, pois, segundo Cardoso: “Ele morre com a ideia de que, após o sacrifício de amor ao próximo, está, finalmente, realizado em sua meta: a morte lhe desvela o céu, para onde ele desejava ir ‘nem que fosse a porrete’” (CARDOSO, 2021, p. 120).

Ao analisar a personagem por meio da apresentação do narrador em terceira pessoa, o leitor observa que Augusto Esteves é uma personagem, que na primeira parte da narrativa, apresenta características de uma pessoa violenta, destemida e sem regras, porém, ao passar por um evento traumático de violência, ele entra em um processo de transformação, em que abandona essa personalidade violenta e passa a ser uma pessoa que, através da religiosidade, busca esquecer todo o passado, se transformando em um cidadão que segue os ensinamentos bíblicos na busca de poder ser redimido dos seus pecados e alcançar o perdão divino. Na terceira parte da narrativa, é através de um duelo que a personagem Nhô Augusto se transforma em Augusto Matraga, personagem vista, de acordo com Damatta (1997, p. 329): como um “representante do bem”.

Em se tratando da classificação da personagem, segundo E. M. Foster (1927), Nhô Augusto se caracteriza como uma personagem redonda, pois esse tipo de personagem tem características complexas, multifacetadas e consegue surpreender o leitor ao longo do desenvolvimento da narrativa.

Nesse sentido, a personagem analisada surpreende o leitor e se caracteriza como complexa e multifacetada, quando apresenta uma personalidade que oscila entre a

violência e a religiosidade e a volta à violência, e que, ao final da narrativa, hibridiza suas duas personalidades ao buscar fazer o bem por meio de um ato violento.

Por outro lado, a redenção de Nhô Augusto é posta em dúvida quando o narrador expõe a sua impressão diante do duelo que estava acontecendo, comparando a desenvoltura da personagem com a de “[...] um demônio preso [...] e dez demônios soltos” (ROSA, 2015, p. 335). Nesse sentido, acaba mostrando assim que a personagem possivelmente está distante de uma redenção completa e definitiva, deixando claro que a personalidade violenta ainda habita seu ser. Essa violência, que insiste habitar na personagem analisada, pode ser justificada pela força e a influência de uma marca “sertaneja”, enraizada na cultura do ser jagunço, própria do espaço onde a novela se passa: o Sertão Mineiro.

3.2 A violência na construção e constituição da personagem Augusto Matraga

Considerando que o fator histórico-cultural de uma sociedade pode influenciar os temas abordados nos textos literários, é natural conceber a violência como uma temática de forte influência na construção e constituição de alguns personagens. Como bem afirma Ginzburg, “a consciência da presença de violência social na história do Brasil pode atuar como fundamento para escritores construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas” (GINZBURG, 2010, p. 5).

Na novela “A hora e a vez de Augusto Matraga” podemos perceber que a personagem Nhô Augusto apresenta vários indícios de ser constituída de uma personalidade extremamente violenta. Por outro lado, em determinados momentos do enredo, tenta a todo custo suprimir esse instinto violento que o constitui.

Na busca de poder identificar de onde parte a motivação de uma personagem que apresenta na sua constituição uma personalidade extremamente violenta, podemos levar em consideração tanto o fator social e cultural presente no espaço narrativo da obra, como também eventuais situações apresentadas, durante o decorrer do texto, a exemplo das impressões apresentadas pelo narrador, como também situações ocorridas na infância e na vida adulta da personagem, desencadeando assim um comportamento violento e agressivo. Diante do exposto, essas observações podem partir de uma análise voltada para a escolha do campo semântico que o autor faz para construir essa narrativa.

Em se tratando do espaço narrativo, a ambiência do Sertão mineiro, mais especificamente a localidade identificada como o Arraial do Murici, serve como pano de fundo para a trama da história. É importante destacar que a cultura social do Sertão era caracterizada por não existir uma lei, nem um poder público que representasse a sociedade. É em função da falta de um Estado que possa proporcionar uma cidadania digna que surge as figuras do cangaceiro e do jagunço na região. Candido define o jagunço como “[...] aquele que, no sertão, adota uma certa conduta de guerra e aventura compatível com o meio, embora se revista de atributos contrários a isto [...]” (CANDIDO, 1977, p. 75).

Nesse sentido, o fator cultural que constitui o espaço narrativo, como é o caso do sertão mineiro, é uma influência determinante para que a personagem seja detentora de uma personalidade violenta, pois, como bem afirma Pereira:

Portadores de uma herança cultural mantida em sintonia com a desordem, a ideologia e as forças institucionalizadoras que regem o sertão são decisivas para perenizar a violência que rege o comportamento dos personagens. (PEREIRA, 2021, p. 236).

Em relação aos fatores apresentados pelo narrador, podemos observar que, em vários momentos da narrativa, são expostas ocorrências e situações que se fazem presentes na vida de Nhô Augusto e que, conseqüentemente, demonstram a sua personalidade violenta. Essas observações podem ser notadas a partir do campo semântico apresentado pelo narrador para classificar a personalidade da personagem.

No caso da personagem analisada, o narrador se utiliza tanto de adjetivos, como também da figura de linguagem metáfora para classificar a personalidade de Matraga, como podemos observar nessa passagem “[...] Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos [...]” (ROSA, 2015, p. 299). O adjetivo alteado vem do verbo altear que, segundo o dicionário Aurélio (2000, p. 34), significa “tornar (-se) alto ou mais alto”. Diante do contexto, esse adjetivo demonstra uma postura adquirida para representar uma determinada potência moral da personagem. O narrador se utiliza da metáfora na expressão “peito largo”, que pode significar homem valente, corajoso, destemido e audacioso. Já as expressões “pisando pé dos outros”, “com os braços em tenso” e “angulando os cotovelos” sinalizam posturas que geralmente são apresentadas por pessoas com um temperamento agressivo e violento.

Para mostrar como ocorre o comportamento da personagem no âmbito familiar, o narrador apresenta suas impressões por meio de adjetivos e figuras de linguagem, como a hipérbole e o símile:

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. (ROSA, 2015, p. 303, grifo nosso).

A comparação com “um bicho grande do mato”, “sempre fechado em si”, e o reforço expressivo por meio de termos como “duro, doido e sem detença” acentuam o perfil delineado pelo narrador, o comportamento do protagonista e o tratamento que ele dispensa à esposa, bem como a indiferença com a filha.

Outro momento da narrativa em que o leitor pode observar as possíveis motivações para que a personagem se apresente com uma personalidade violenta seria o seu estado financeiro, que teria piorado posteriormente ao falecimento do seu pai:

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca. (ROSA, 2015, p. 303).

Ainda se tratando da relação da personagem no âmbito familiar, agora se referindo ao ambiente vivido quando era criança, podemos observar por meio de um diálogo que ocorre entre Dionóra (esposa de Nhô Augusto) e seu tio, como foi a infância e criação de Nhô Augusto:

-Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p' ra chefe de família... Pai era como se Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha... (ROSA, 2015, p. 304).

Fica claro, nesse trecho da narrativa, que Nhô Augusto não teve convivência com a mãe durante a infância, como também não teve uma presença significativamente positiva em relação ao pai, convivendo com familiares de índole violenta, como é o caso do seu tio que tinha envolvimento com o crime. Nhô Augusto foi criado por sua avó que, no trecho da narrativa, podemos deduzir: não apresentava muita afetividade por

ele, preocupando-se apenas em inserir a criança no ambiente religioso. Esses fatores psicológicos podem ser indícios de uma influência para a constituição violenta do protagonista.

O diálogo apresentando mais acima é um recurso utilizado pelo autor para justificar um dos reais motivos da violência apresentada por Nhô Augusto, afirmando que essa violência é resultante de uma negligência por parte de seus familiares.

Como apresentado anteriormente, Nhô Augusto é uma personagem que vivenciou na sua infância uma desestrutura na base familiar e que, já na sua vida adulta, se encontra com problemas financeiros, políticos e sociais, fatores que podem ser considerados como fortes indícios para se refletirem diretamente na sua conduta e personalidade agressiva. No campo semântico, podemos observar por meio dos adjetivos “estúrdio”, “estouvado”, “doido” e “duro”, como também das expressões “sem regras”, “sem detença”, “sempre fechado em si” e a comparação “como um bicho grande do mato” que a personagem apresenta uma característica psicológica incomum, que não segue regras nem leis, agindo assim de forma irrefletida.

Observando o diálogo ocorrido no decorrer da narrativa, no qual a personagem Quim Recadeiro apresenta a impressão das demais personagens sobre a pessoa de Nhô Augusto: “[...] estão dizendo que o senhor nunca respeitou filhas dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação...” (ROSA, 2015, p. 306), podemos perceber a comparação com a escolha vocabular da expressão “cobra má”, como qualificador da violência constituída em Nhô Augusto. A apresentação da opinião dos demais personagens sobre a pessoa de Nhô Augusto reforça ainda mais sua característica de violência, pois em consequência disso ele é rejeitado pela esposa, como também, traído e abandonado pelos seus próprios jagunços.

Detentor de uma personalidade forte, a personagem sofre na pele a experiência de um ato de extrema violência gerado pelos jagunços do Major Consilva, situação que faz com que Nhô Augusto reflita durante um determinado tempo tudo o que vivenciou desde a infância, como também as suas atitudes e comportamentos no decorrer do tempo. Em consequência disso, a personagem adentra em um processo de purificação da alma na busca de se redimir dos seus pecados e encontrar “a sua hora e vez”.

Diante desse novo contexto, no qual a personagem é inserida, é oferecida a possibilidade de uma reflexão, de um possível arrependimento e mudança de comportamento, mas o texto mostra que mais uma vez a personalidade violenta da personagem insiste em dominar as suas vontades, pois até mesmo no seu desejo de

buscar a salvação divina, a personagem apresenta resquícios de um temperamento violento, como é observado nessa passagem do texto “- Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal! [...] P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (ROSA, 2015, p. 313). Observamos que o uso da exclamação no final da fala da personagem é utilizado como forma de demonstrar emoções, e nesta situação, a exclamação é utilizada para expressar uma exaltação ou até mesmo raiva.

Portanto, mesmo que o enredo introduza a personagem dentro de um contexto religioso, a narrativa vai demonstrando através da fala, do comportamento e dos desejos apresentados pela personagem que a agressividade ainda não se dissociou de sua figura.

Durante o processo de purificação do ser, a personagem passa por algumas tentações de voltar a sua antiga personalidade, como podemos observar nessa passagem do texto: “[...] uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas [...]” (ROSA, 2015, p. 315). Outro momento que faz com que a personagem se sinta atraída a voltar a sua antiga personalidade é o convite do Joãozinho Bem-Bem para compor o seu grupo: “[...] isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade e aceitar e ir também...” (ROSA, 2015, p. 325).

Os termos “vontade doente”, “fazer coisas mal feitas” e “cachaça em copo grande” são classificadas, respectivamente, como figuras de linguagem: hipérbole, eufemismo e metáfora, e são expressões utilizadas pelo narrador para expressar o desejo da personagem em deixar predominar a sua personalidade violenta.

Portanto, a partir desses desejos de retornar a sua vida antiga podemos observar que a personagem não se desfez totalmente de sua personalidade violenta, e sim, tenta a todo momento, reter determinados desejos e resistir a oportunidades que vão lhe surgindo no decorrer da narrativa.

No final da novela, podemos observar que a personagem assume novamente a sua face violenta, pois ocorre uma hibridização das suas duas personalidades adquiridas durante a narrativa, pois, na tentativa de defender uma família de uma possível execução, Nhô Augusto entra em um duelo com o cangaceiro Joãozinho Bem-Bem:

[...] Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos. (...)
E agarrou a gritar as palavras feias todas e os nomes imorais que aprendera em sua farta existência [...] (ROSA, 2015, p. 335-336 grifo nosso).

Nesse trecho, o narrador apresenta sua impressão sobre o comportamento de Nhô Augusto utilizando-se da figura de linguagem hipérbole, que se caracteriza por ser resultante de uma expressão que contém exagero nas palavras, demonstrando, assim, a grandiosidade da violência e agressividade que a personagem conduz o duelo.

E é em uma cena carregada de violência que Nhô Augusto se transforma em Augusto Matraga e, como bem afirma DaMatta, “a intervenção de Matraga o transforma em representante do Bem, em oposição ao representante do Mal” (DaMATTa, 1997, p. 329), conseguindo, enfim, encontrar “a sua hora e vez”, transformando-se em um ser fazedor do bem.

Observando a forma como Nhô Augusto encontra “a sua hora e vez”, que ocorre por meio de um duelo sangrento e carregado de cenas impactantes, o leitor se questiona se realmente ele conseguiu alcançar a redenção. Uma dúvida que pode se acentuar a partir das próprias palavras do protagonista e do reconhecimento da personagem João Lomba:

– Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas! – Virgem Santa! Eu logo vi que só podia ser você, meu primo Nhô Augusto... Era o João Lomba, conhecido velho e meio parente. (ROSA, 2015, p. 338).

As falas indicadas acima mostram indícios de que a violência ainda faz parte da personalidade da personagem, pois quando João Lomba ouve o nome de Augusto Estêves, imediatamente associa que determinado ato de bravura e violência só poderia partir de seu “conhecido velho”, o mesmo Nhô Augusto apresentado no início da narrativa.

Podemos observar que, apesar de o narrador não apresentar uma imagem nítida da aparência física da personagem, o enredo proporciona o suporte necessário para poder montar a figura do protagonista por meio da apresentação de seu comportamento, da postura diante das situações, da impressão de outras personagens e do próprio narrador, dos monólogos e diálogos. Podemos perceber, ainda, que a ausência da apresentação dos sentimentos da personagem em determinados momentos, principalmente na primeira e última parte, pode ser um recurso utilizado pelo autor para dar uma ênfase maior à temática da violência que se faz presente em todo o contexto da narrativa.

Sendo assim, Guimarães Rosa cria uma personagem que apresenta fortes características do cangaceiro e do jagunço enraizados no interior de Minas Gerais. Ao

considerar o contexto histórico, no qual a novela foi construída, podemos observar que a forma de vida de Nhô Augusto se assemelha à forma como muitos foram induzidos a viver no Sertão Mineiro no século XX, de modo que há também uma violência econômica no pano de fundo da narrativa, que não foi objeto específico de nosso estudo. Nessa perspectiva, o mundo de violência em que estão inseridos Augusto Matraga e os outros personagens da narrativa também é fruto de uma ausência de Governo e políticas públicas nos mais distantes rincões do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho procurou-se, por meio da novela *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa, analisar a temática da violência na construção e constituição da personagem Augusto Matraga. Considerando Guimarães Rosa como autor de obras regionalistas, suas narrativas apresentam reflexos de temáticas que circulam em seu meio social e cultural. A novela analisada é uma das construções do autor que apresenta a temática da violência no Sertão Mineiro como palco principal para a abordagem da personagem Augusto Matraga.

Foi discutido ainda acerca da influência que a temática da violência, presente no contexto sociocultural, reflete na construção de obras literárias. Por meio de um levantamento bibliográfico, constatou-se que o tema da violência se faz presente em algumas obras literárias desde os primórdios da literatura ocidental, como podemos observar na construção dos heróis épicos, que são apresentados em narrativas míticas e que justificam atos de violência como meio de defesa de valores sociais. Nas obras da literatura brasileira, a temática da violência se apresenta como reflexo dos processos sociais que fazem parte da cultura brasileira.

A partir de um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo, buscou-se compreender como a temática da violência se apresenta na constituição e construção da personagem Augusto Matraga, protagonista da novela *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa. Verificou-se que a narrativa se embasa em elementos como a cultura do Sertão Mineiro, para apresentar um ambiente no qual o jaguncismo e o cangaço estão presentes, e a violência é um fator predominante.

Além de estar inserido em um ambiente marcado por uma cultura de violência, observamos que a construção da personalidade bruta de Matraga também foi

influenciada pelo ambiente familiar em que a personagem foi criada, refletindo de forma direta na sua condição de pessoa extremamente violenta.

A análise permitiu observar que a personagem é apresentada por meio da visão de um narrador classificado como de terceira pessoa, que, apesar de ter certa “distância”, é capaz de utilizar uma série de recursos linguísticos (figuras de linguagem, verbos e adjetivos, por exemplo) voltados para a construção expressiva e vivaz de uma personagem constituída pela violência, em que traços físicos e psicológicos são acentuados nessa direção.

A conclusão a que chegamos é que a construção da personagem Augusto Matraga partiu, portanto, de um conjunto de elementos que estão presentes na narrativa, como a apresentação do cenário regional do Sertão Mineiro, a influência de uma criação familiar desestruturada, uma precária condição financeira, como também por meio de suas ações e reações. A partir da união desses elementos expressos na narrativa, a personagem é apresentada aos olhos do leitor com uma personalidade violenta, o que influencia diretamente sua trajetória.

Em pesquisas futuras e com a intenção de um maior aprofundamento na análise da construção da personagem, é interessante serem levados em consideração outros elementos presentes na narrativa, como a temática da religiosidade, que chegou a ser utilizada pela personagem como embasamento primordial para uma resignificação do ser, apresentando-se como um dos principais fatores para uma mudança de comportamento.

A apresentação de enredos que abordam a sociedade, a constituição humana, a justiça, a família, a religião, a criação e a violência, nos textos literários, é essencial para que os leitores possam refletir e repensar, de forma mais humanizada, sobre a realidade que os circunda, podendo ter um novo olhar, um olhar mais sensível a referidos temas.

O texto literário que apresenta como temática principal a violência, seja psicológica ou física, presente na trajetória de vida de uma personagem, tem a possibilidade de despertar no leitor o senso crítico reflexivo capaz de conduzi-lo a um olhar mais humanizado sobre a vida, buscando compreender, diante das situações reais, as motivações e as razões de ser de muitos fatos.

REFERÊNCIAS

ANATOL, Rosenfeld. Literatura e personagem In: CANDIDO, Antonio et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BENEDETTI, Nildo Maximo. **Sagarana**: o Brasil de Guimarães Rosa. 2008. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008. Disponível em: SAGARANA: O BRASIL DE GUIMARÃES ROSA (usp.br). Acesso em: 15/junho/2022.

BUHLER, Andréia Morais Costa. A Saga Mítica de Augusto Matraga. In: GOUVEIA, Arturo. **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. ed. 1. Cotia, São Paulo: Cajuína, 2021, p. 15-45.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: ANATOL, Rosenfeld et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese**: ensaios. 4. ed. São Paulo: 2002.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, Duas Cidades, 1946.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CARDOSO, Cícero Émerson do Nascimento. Sobre convenção espiritual: Guimarães rosa e Gustave Flaubert. In: GOUVEIA, Arturo. **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. Cotia, São Paulo: Cajuína, 2021, p. 119 - 151.

COSTELLO, Zekitcha. Grande Sertão Veredas – Antonio Candido sobre Guimarães Rosa. Youtube, 2014. Disponível em: Grande Sertão Veredas: Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa - YouTube. Acesso em: 15/07/2022.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**: um convite. 3. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 2001.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010, Tese (Livre-docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

GOUVEIA, Arturo. **Da Ignomínia á Pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. Arturo Gouveia [organizador]. 1. ed. São Paulo: Editora Cajuína, 2021.

PEREIRA, João Batista. A Opus Dei da violência em Augusto Matraga. In: GOUVEIA, Arturo. **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. Cotia, São Paulo: Cajuína, 2021, p. 217 – 239.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Andréia Paula. Augusto Matraga e Riobaldo: interfaces paradoxais e convergentes. In: GOUVEIA, Arturo. **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. Cotia, São Paulo: Cajuína, 2021. p. 49 – 88.